

**DA FOLHA EM BRANCO À PRODUÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DA ESTRUTURA DA
NARRATIVA DE PROPP.**

Maria De Fatima Da Silva

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

A produção de texto é alvo de debates e reflexões desde a década de 80. Segundo estudiosos no assunto, não basta escrever para cumprir uma tarefa solicitada pela escola mandatária, é preciso ter o que dizer e como dizer. Esse trabalho é recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação, na Unesp de Presidente Prudente, na linha de pesquisa: Formação de professores. As observações em sala de aula e análises das produções de textos contribuíram para aprofundar o estudo sobre a produção textual e verificar os instrumentos utilizados para seu ensino em um 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, em uma escola Estadual da D.E de São José do Rio Preto, e observar se esses colaboram para a formação de alunos leitores e escritores. Para a análise das produções textuais, reportei-me aos estudos de Vladimir Propp (1984) "Morfologia do Conto Maravilhoso". Após as análises e observações, percebeu-se a necessidade de uma intervenção junto às professoras e uma formação sobre o assunto. Palavras-chave: produção de textos, estrutura da narrativa, prática pedagógica.

DA FOLHA EM BRANCO À PRODUÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DA ESTRUTURA DA NARRATIVA DE PROPP

Maria de Fátima da Silva – Unesp/ FCT - Presidente Prudente

Introdução

Aprender a escrever é, em parte, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não aprovionou...

Othon
Garcia

Quando lemos as grandes obras que encontramos no decorrer de nossas vidas literárias, nem de longe imaginamos que seus autores, embora experientes, travaram com o papel em branco uma luta sem fim, como define Lygia Fagundes Telles:

Uma luta. Uma luta que pode ser vã, como disse o poeta, mas que lhe toma a manhã. E a tarde. Até a noite. Luta que requer paciência. Humildade. Humor. Me lembro que estava num hotel em Buenos Aires, vendo na tv um drama de boxe. (...) E de repente me emocionei: na imagem do lutador de boxe vi a imagem no corpo a corpo com a palavra.

(TELLES, 1984, p.7)

Ainda Clarice Lispector, na voz do narrador de sua obra “A Hora da Estrela”, relata detalhes minuciosos dessa angústia que antecede esse ato:

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas como aços espelhados. Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. (LISPECTOR, 1997, P.19)

O narrador criado por Lispector (1997), ao sair em busca das palavras, vai tecendo a sua história em meio às indecisões. Em um passado distante,

encontra vivências que dão vida à sua personagem. Pára. Pensa. Reluta: “Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma a outra para ter coragem...” (Op.cit., 1997, 14). Relaciona o ato de escrever à carpintaria, com uma única diferença: escrever requer o material básico - a palavra. Sabe da dificuldade em escolher as melhores palavras, os melhores adjetivos, substantivos para dizer a sua palavra. Escolher a melhor forma de dizer. “Tenho, então, que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência”. (Op.cit., 1997, p. 15). Tentar tirar ouro do carvão.

E nessa relutância há ainda por vir... “a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva...” (LISPECTOR, 1997, p.19), a personagem que dará vida à história , viverá o enredo criado por esse narrador/autor com uma situação inicial cheia de expectativas, o desenvolvimento cheio de intrigas e por fim, o desfecho de surpresas.

Contudo, essa luta não é privilégio dos autores já calejados em quebrar rocha, é enfrentada também por outro escritor este menos experiente: o aluno, que muitas vezes se desespera diante do papel, bloqueia, desiste. O que ele não sabe é: a palavra deve ser trabalhada, lapidada, experimentada, exige esforço e escrever não é um dom e sim uma habilidade a ser conquistada.

Sabe-se que essa aprendizagem, essa conquista não ocorre na solidão dele com o papel em branco. Não. A produção de texto adequada em sala de aula que o leve a escrever, só será possível em decorrência de um trabalho sistemático e incansável por parte dos envolvidos: intervenção do professor e interação na sala de aula. Não como uma atividade escolar a mais, mecânica e descontextualizada “... onde se lê somente para aprender a ler e se escreve apenas para aprender a escrever...” (LERNER, 2008, p.33), mas uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação. Retomando a epígrafe de Othon Garcia citada no início deste capítulo, escrever é aprender a encontrar e estabelecer idéias, não é possível dar o que não se tem o que não se abasteceu.

Ao pensar na produção de textos como um processo de aprendizagem, estimulado pelo professor; longe das perspectivas de apenas “cumprir uma tarefa”, solicitada pela escola mandatária de uma “redação para escola”, é preciso muito mais do que saber regras gramaticais e ter um dom inato, sendo imprescindíveis algumas operações intelectuais como sugere Geraldi (1997):

a) *Tenha o que dizer.* é a partir da leitura de uma diversidade de textos, do diálogo constante do professor e autores não presentes, do entretecer de outras vozes que o aluno constrói sua biblioteca cultural e consegue tecer o seu texto.

b) *Tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer.* que o texto tenha alguma função social na vida do aluno e não um mero exercício mecânico.

c) *Se tenha a quem dizer o que se tem a dizer.* escolher o tipo de texto que será utilizado para melhor dizer o que tem a dizer e a quem o texto vai se dirigir. Verificar se esse texto terá realmente uma função social ou será apenas para uma prova bimestral.

d) O locutor se constitua como tal, como sujeito que diz o que diz para quem diz. Que o sujeito não seja mecanizado, induzido a reproduzir apenas aquilo que a escola quer que ele diga, mas que ele crie suas próprias histórias, fie, teça, a partir de todas as interlocuções da sala de aula.

e) Se escolham as estratégias para realizar; os melhores tipos de texto para se transmitir o que se pretende.

Acrescentando ainda, como importantes e necessárias, informações a respeito da estrutura narrativa e de seus elementos, assunto esse a ser tratado nesse relato.

A pesquisa

O presente trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado e teve a finalidade de verificar na escola até que ponto atividades de leitura e produção de textos propostos em sala de aula favorece a formação do aluno leitor e escritor, escolhi o texto narrativo por ser o texto mais trabalhado até o 6º e 7º ano.

Para analisar a estrutura da narrativa nas produções de textos dos alunos das 5^{as} séries ou 6^{os} anos, nas aulas de língua portuguesa, da Rede Estadual de Ensino, na D. E de São José do Rio Preto, reporteime aos Estudos de Vladimir Propp (1984) “Morfologia do conto maravilhoso

A estrutura narrativa de Propp: o texto e sua forma

Avançando nas investigações sobre a estrutura do conto maravilhoso, Propp (1984), conclui que o conto maravilhoso atribui ações iguais a personagens diferentes. A ação aqui é entendida como função. Assim Propp estuda os contos a partir das funções dos personagens.

O que foi possível a Propp perceber no decorrer dos estudos é que por mais diferentes que os contos fossem, os personagens realizam freqüentemente as mesmas ações. Percebeu-se também que existem muitos personagens e poucas funções.

As funções serão definidas por meio de um substantivo que expressa uma ação: proibição, interrogativa, fuga; ou seja; “por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação”.(Op.cit., 1984, p.26).

Sabe-se que todo texto, independentemente de que gênero seja, há uma introdução, o desenvolvimento das ações e o desfecho, contudo, apenas essa informação pouco ajudará um aluno a produzir um texto, pois o que o pequeno produtor precisa saber é que da situação inicial (aparentemente tranqüila) ao desfecho existe o conflito (intriga) e um processo de transformação. Segundo Jolibert (1994) é importante um instrumento conceitual funcional por professores e pelas crianças tanto para leitura como para produção de textos.

Para Propp (1984) em todo texto narrativo há:

Uma situação inicial - a apresentação dos personagens - o afastamento do responsável.

O desenrolar dos fatos (nó) – a proibição, a persuasão dolosa pelo antagonista, o rapto de um dos membros da família, o anúncio da desgraça, a procura.

Desfecho: Resolução ou não dos acontecimentos descritos nas outras etapas, castigo do antagonista, a recuperação dos raptados e o regresso. A transformação se efetiva.

A estrutura narrativa observada nas produções textuais

Para esta investigação, optei por observar nas produções de textos escolares (num total de 32 textos) incluindo as duas séries observadas, 6ºs anos e 7ºs anos do Ensino Fundamental, utilizando a essência de uma estrutura da narrativa simplificada e linear de acordo com o aporte teórico de

Propp (1984), sem entrar em detalhes quanto às funções dos personagens. Contudo nesse trabalho, apresentarei apenas os resultados obtidos nos 7^{os} anos.

Foram analisadas no 7^o ano, 23 produções de textos, com a proposta de produção e descrição da tela “A leitura” – obra de José Ferraz de Almeida Júnior (1950 – 1899).

A proposta solicitava que o aluno mandasse um torpedo a um colega, contando o porquê em estar distraído e descrever uma tela que ele se deparara na internet: “A leitura” – Obra de José Ferraz de Almeida Júnior (1950 – 1899), para isso ele deveria responder a algumas questões feitas pela professora.

Das 23 produções analisadas, 19 alunos escreveram respondendo apenas as questões sugeridas pela professora, 01 não escreve nada, afirmando que “*não consegue pensar*”, outro foge totalmente do tema e apenas uma aluna entende parcialmente o que é solicitado na proposta, se dirigindo-se a um interlocutor, veja:

Meu espanto ao ver um quadro bonito
Eu estava no MSN quando vc Daty me adicionou. Aí eu vi um quadro que eu diria perfeito, eu acho que era antiga, ai passei mais para baixo e vi que era de 1892.
Era de uma mulher lendo um livro. A mulher tinha cabelos muito longos, usava roupas que chegava até seus pés, ela estava com um casaco marrom e um vestido branco meio amarelado por baixo, ela estava em uma zona rural, da sacada de sua casa.
Ela estava bordando mais deixou seu bordado para ler, de longe eu avistei uma casinha, coqueiros e rios. Eu espero Daty que você tenha gostado porque eu amei. (ALUNA, 7^o ano)

Levando-se em consideração o texto da aluna, a proposta de produção de textos e as abordagens teóricas apresentadas até então, apesar da aluna não atribuir um título ao texto, dirige-se a um interlocutor “Daty”, responde à pergunta do motivo em estar distraída, e foge do padrão de textos da maioria dos alunos da sala que não atendem à proposta. No desfecho de seu texto, ainda retoma o interlocutor, e dando a sua impressão sobre a tela como foi solicitado na proposta da produção de textos.

Percebi que os alunos não entenderam na proposta, o porquê em descrever a tela, pois deveriam descrevê-la com a intenção de “fazer o amigo ver” o quadro por meio de seu texto, fazendo com que entendesse o porquê em estar tão distraído, não esquecendo que a descrição depende sempre do contexto em que estiver inserida. Verdadeiramente os alunos escreveram parágrafos de descrição isolada, seguindo uma listagem de perguntas oferecidas na proposta do texto, faltando a introdução a um interlocutor para dar sentido ao seu dizer. Esses “trechos descritivos não podem ser subdivididos, ao menos não tão claramente, em partes como” “introdução”, “desenvolvimento” e “conclusão”. (BEARZOTI FILHO, 1991, p.49)

Observem um exemplo dos 19 textos:

O lugar onde a mulher está é um ambiente aberto, de onde ela está dá para ter uma visão muito boa o lugar é tranquilo.

Os objetos que está perto dela é pequeno.

As cores são suaves, as cores não combinam com a mulher.

O que se destaca é a paisagem, porque é muito bonito.

Há muitas casas que chamam a atenção, é a paisagem que é muito bonita e tem cores lindas.

A sensação é de paz , amor e beleza.

É uma figura linda e perfeita, todos que olharem acha perfeita.

(Aluna do 7º ano)

Será que o amigo (a) ao receber esse texto em resposta ao seu torpedo, irá entender o porquê da amiga estar distraída?

Merece atenção a proposta e o questionário feito pela professora para direcionar o texto do aluno, não significa eliminar o questionário, no entanto, o que se percebe nas produções dos alunos são respostas às questões, utilizando-se as idéias sugeridas pela professora.

Percebe-se que não foi dada a oportunidade para que os alunos criassem “verdadeiramente” seus próprios textos, pois o que dizer já está previamente determinado, poupando-lhe o trabalho de reflexões sobre a imagem a ser analisada e o que poderia ser escrito. E esses seguem à risca o roteiro imposto pela professora para a organização de suas idéias.

1. A INTERVENÇÃO

Nas duas salas de aulas observadas e nos documentos analisados, percebi uma grande distância entre a realidade e o aporte teórico estudado por mim.

Considerando as observações das práticas pedagógicas dos professores, dos instrumentos de leitura utilizados por eles, das análises das produções de textos e dos diálogos ocultos em sala de aula, dificuldades na condução da leitura, percebi que as professoras não dominavam conceitos fundamentais sobre leitura e produção de textos. Resolvi, então, planejar uma orientação pedagógica para os professores envolvidos, entendendo ser necessário auxiliar os professores a atuarem em suas salas de aula de forma a favorecer melhores condições para o desenvolvimento dessas capacidades, pois o papel mediador do professor para a formação do leitor e escritor é fundamental, por ser ele o adulto mais próximo e experiente em sala de aula.

Percebi que não bastava o conhecimento de novas teorias, mas um trabalho de reflexão sobre sua prática, que conduziria a mudanças e tomadas de decisões, pois o professor ao pensar sua própria prática, pode modificá-la inconscientemente. Ainda segundo Smith (1999), o professor precisa compreender e saber o suficiente sobre o que vai ensinar.

Utilizei seis horas de HTPCs para orientação das professoras, dividida em três momentos, para assim refletir sobre as dificuldades observadas em sala de aula e ainda momentos antes de cada aula para planejamento e replanejamento das atividades sobre estratégias de leitura, estrutura da narrativa nas produções de textos e elaboração de atividades para ser aplicado em sala de aula.

Após as reflexões necessárias, cruzando teoria X prática pedagógica, houve a seleção de uma diversidade de textos sobre um mesmo tema, utilizamos as teorias estudadas para prepararmos as atividades a serem aplicadas aos alunos, salientando sempre que ninguém escreve do nada, há sempre em nosso escrito a voz do outro. Como afirma Geraldi (1997), é preciso ter o que dizer.

Após a aplicação das atividades de leitura em sala de aula, com uma diversidade de textos e gêneros, foi possível, estabelecer-se situações

interlocutivas entre professor/aluno/texto, proporcionando à professora um novo olhar sobre a prática e aos alunos, um novo olhar quanto à aprendizagem da leitura e da produção textual no que concerne à estrutura da narrativa e a intertextualidade. Foi aplicada sob minha orientação uma nova proposta de produção de textos aos alunos.

Foram analisadas, nessa etapa, 21 (vinte e uma) produções de textos, com o objetivo de verificar o atendimento dos itens solicitados na proposta: estrutura da narrativa e intertextualidade.

Dos textos analisados, apenas 01 (um) não foi terminado, todos foram escritos em primeira pessoa (foco narrativo) e apresentam títulos vinculados ao tema: Um pássaro em alto mar, Mancha de óleo, A perda de um grande amigo, Prejudicado pelo homem, A luta pela sobrevivência etc. Alguns títulos já fazem menção à problemática que o leitor vai encontrar em seu texto, exemplo: “Como o acidente muda a sua vida”, outro “Maravilha e pesadelo” leva o leitor a decifrar o que vem a ser maravilha e pesadelo, por meio da leitura do texto.

Todos textos apresentam uma estrutura da narrativa criativa, com apresentação do meio onde vive logo no seu início, dando margem a um nó (conflito) no desenrolar dos fatos, ficando claro a transformação e o reequilíbrio no seu final .

Alguns textos servirão de base para elucidar os comentários que farei a seguir, com base na análise do total de produções.

A história de minha vida

Judeu começou numa pequena mata, havia árvores, rios limpos, onde eu e meus irmãos brincávamos de quem pegaria o peixe maior, as puzas (onde nadávamos). Judeu era maravilhoso, realmente era um paraíso, mas em...

Um dia, que parecia ser perfeito, aconteceu uma tragédia.

Eu estava jogando ping-pong, quando de repente ouvi um barulho, "Plás", uma mancha preta grande, que caía com em minhas pernas e não conseguia voltar e me salvar. Me debatia e não conseguia sair do lugar.

Quando estava morrendo, muitas pessoas (ajudantes) vieram me salvar.

Me levaram para uma clínica veterinária, que ajudavam animais como eu que caíram na mancha de óleo.

Eu acredito que conseguirei voltar pelo céu azul, atrás da bela montanha.

Exemplo 1 - nesse texto, há a descrição de um paraíso e da paz que é quebrada quando o personagem narrador anuncia o conflito com um advérbio e uma onomatopéia (linguagem típica das histórias em quadrinhos): "...**de repente** ouvi um barulho, "**Plás**", uma mancha preta..."

Paralelo no meio do rio, e senti que a água estava diferente quando percebi que a água do rio Iguaçu estava cheia de óleo. (Tentei)
Tentei voar rapidamente mas minhas penas estavam cheias de óleo, com o tempo (o) eu não (senti) sentia mais meus pés, tentei me bater para eu chegar nas margens do rio, mas eu estava quase sem forças.
Com o tempo fui ficando fraco, mas consegui abrir meus olhos, fui afundando, e meu coração foi disparando, eu estava com medo de morrer, (sem) sem forças para gritar, comecei a chorar, e fui afundando cada vez mais.

Exemplo 2, o conflito está marcado por ações de desespero, na tentativa de sobreviver, "...foi horrível ver aquele óleo escorrendo nas ribanceiras do rio...", nota-se no exemplo, o clímax (momento de maior tensão na narrativa), "mas minhas penas estava cheio de óleo, com o tempo não sentia mais meus pés... comecei a chorar e fui afundando cada vez mais." O leitor dessa passagem, fica imaginando o que aconteceu a esse pássaro-personagem. Terá ele sobrevivido? Há uma expectativa em querer conhecer o enredo da história e seu final, pois o que prende a atenção do leitor é o conflito, sem esse teríamos histórias sem graça e perderíamos o interesse pela leitura.

Percebe-se nos textos analisados a estrutura narrativa sugerida por Propp (1984), situação inicial (equilíbrio), conflito (desequilíbrio) e desfecho (reequilíbrio).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim...

Os textos produzidos pelo 7º ano, após a intervenção apresentaram coerência com as orientações da proposta de texto apresentada), os alunos

utilizaram-se dos conhecimentos trazidos por eles, as leituras feitas e as interlocuções em sala de aula para produzi-los, tinham o que dizer. A intertextualidade dos textos lidos esteve presente em todos os textos analisados, havia a descrição do meio ambiente intacta, perfeita, a felicidade dos personagens em viver num paraíso, a saída de casa para uma aventura ou à procura de um alimento, o sofrimento por causa do acidente, as sensações de desespero dos pássaros. Ao ler e analisar os textos, observei também muitas passagens advindas das reflexões em sala de aula.

Foi perceptível, após a análise, a importância de um trabalho efetivo de leitura e o conhecimento do professor e do aluno sobre a estrutura da narrativa, pois se o aluno tiver a oportunidade de conhecer e entender melhor a estrutura e o funcionamento de um texto narrativo, é provável que produzam melhores textos. Notei na prática que não basta à escola ensinar o tradicional “começo, meio e fim” das histórias narrativas. É preciso mostrar num texto a sua estrutura: o estado inicial (equilíbrio), o conflito (nó) de um texto, o desfecho (reequilíbrio), assim o aluno vai entender de forma mais clara a construção de um texto, ou seja, ele saberá como o fazer.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In *Análise Estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. DF : MEC, 1997.

BRITO, Percival L. “**Em terra de surdos – mudos** (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)”. In *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

FILHO, Paulo Bearzoti . **A descrição**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1991

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau**: por uma outra leitura da leitura. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____ Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos de alunos**,v.1. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ **Portos de Passagem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

GERALDI, João Wanderley, CITELLI Beatriz . **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____ **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VAL, Maria da Graça Costa ; ROCHA, Gladys. Reflexões sobre as práticas escolares de produção de texto. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PROPP.I.Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

TELLES, Lígia Fagundes. **Para gostar de ler**, v.9. São Paulo: Ática, 1984, p.7

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VAL, Maria da Graça Costa [et. Al] . **Avaliação do texto escolar: Professor leitor/ aluno-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____ **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa e ROCHA, Gladys.(org.) **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.